



POEMAS AO VOL. VI
PÔR DO SOL

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-24208-8

2024

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

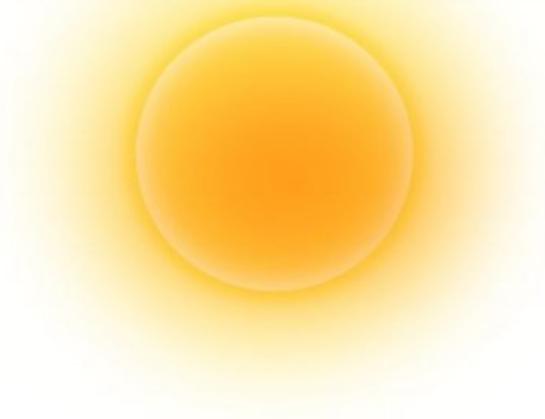
SUMÁRIO

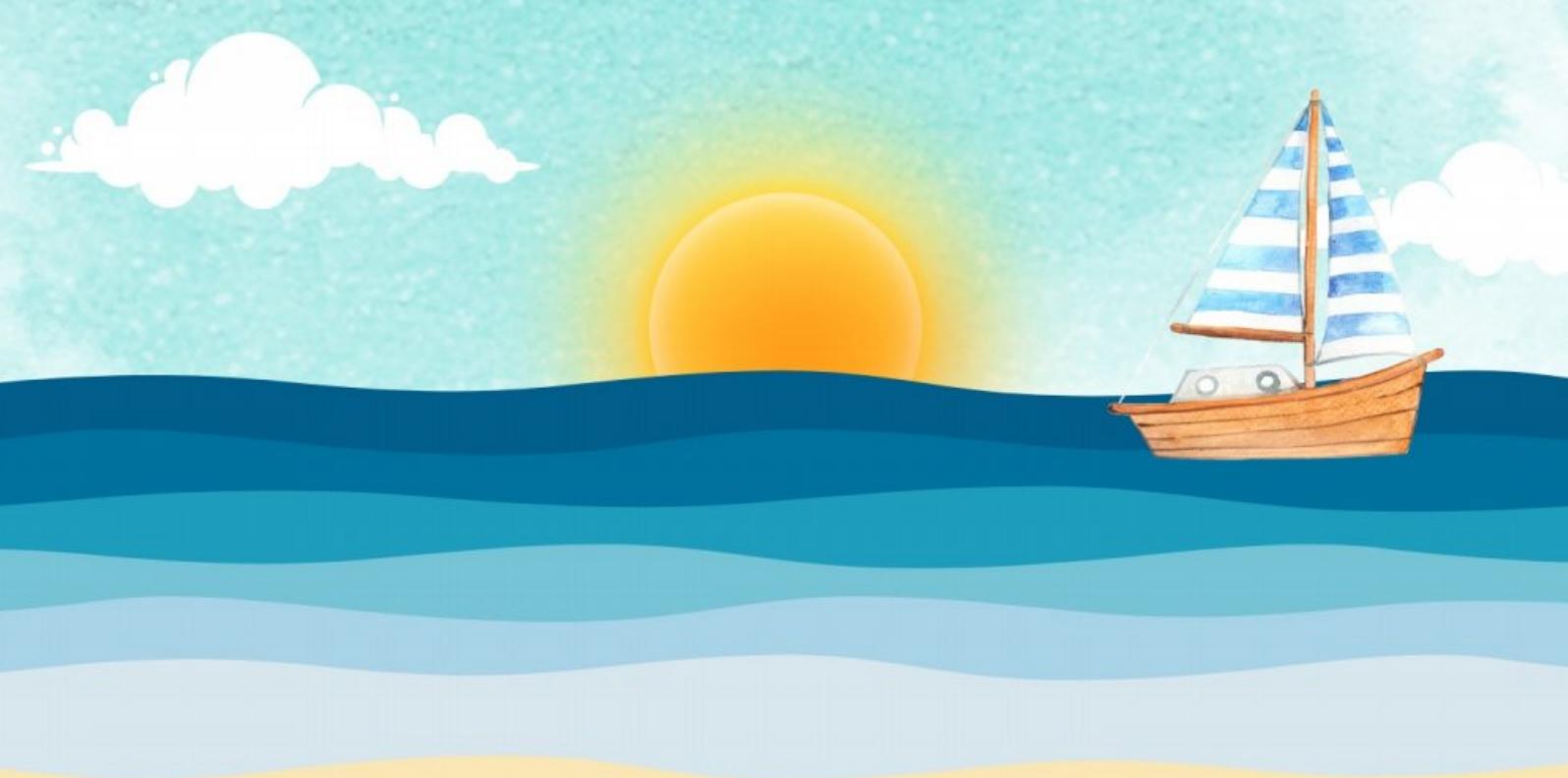
CLIQUE SOBRE O CAPÍTULO DESEJADO

SAUDADE, POR ADRIANA DE FREITAS GUIMARÃES, PÁG. 05
NO HORIZONTE, POR ALESSANDRA COLLAÇO, PÁG. 07
CORAÇÃO DESNUDO, POR ANE ROSE GASSEN, PÁG. 09
CORPO E ALMA, POR ANE ROSE GASSEN, PÁG. 11
A CANÇÃO QUE FALTAVA, POR ANTONIO CARLOS MARQUES, PÁG. 13
A ÁGUA PURA, POR ANTONIO CARLOS MARQUES, PÁG. 19
O SOL DO SORRISO, POR ANTONIO CARLOS MARQUES, PÁG. 21
O LAMBE-LAMBE, POR ANTONIO CARLOS MARQUES, PÁG. 23
ESTAR NA VIDA, POR ANTONIO CARLOS MARQUES, PÁG. 25
O PESO DA EXISTÊNCIA, POR BRUNO NASCIMENTO COELHO, PÁG. 28
DEITEI-ME, POR FELIPE OSHIRO, PÁG. 30
PASTOREIO, POR FELIPE OSHIRO, PÁG. 32
1320 PORES DE SOL, POR HENRIQUE MEDEIROS SÉRGIO, PÁG. 35
CHUVA NO CAMPO - CHUVA NA CIDADE, POR JAQUELINE ROCHA, PÁG. 37
CHUVA E VIDA, POR JAQUELINE ROCHA, PÁG. 39
CHOVE POR AÍ, POR JAQUELINE ROCHA, PÁG. 41
CREPÚSCULO DE FOGO E SOMBRA, POR JOSÉ ALBERTO JANEIRO, PÁG. 43
CAMINHO DAS CHAMAS, POR LEONA VALENTINA, PÁG. 45
O PESO DO CREPÚSCULO, POR LEONA VALENTINA, PÁG. 47
A NOITE RESPIRA EM MIM, POR LEONA VALENTINA, PÁG. 49
O CICLO DO NUNCA MAIS, POR LEONA VALENTINA, PÁG. 51
CICATRIZES DO CREPÚSCULO, POR LEONA VALENTINA, PÁG. 53
PÔR DO SOL, POR LUÍS COSTA, PÁG. 55
O SEGREDO, POR MARIVÂNIA N. NOGUEIRA, PÁG. 57
ATEMPORAL, POR MÁRIO S R ANANIAS, PÁG. 59
MUSA, POR MÁRIO S R ANANIAS, PÁG. 61
IMAGEM, POR MÁRIO S R ANANIAS, PÁG. 63
SAUDADE, POR MÁRIO S R ANANIAS, PÁG. 65
EM OUTUBRO OU QUALQUER TEMPO, POR @EU_EMINHASHISTORIAS, PÁG. 67
EU NÃO QUERO FLORES, POR @EU_EMINHASHISTORIAS, PÁG. 69
ORAÇÃO PARA O MAR QUE NÃO CONHEÇO, POR RODRIGO MARTINS, PÁG. 71
PARADOXO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 73
O QUE VIRIA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 75
REFLEXAR, POR SELMA LUANNY, PÁG. 77
ESCALADA PARA O FUTURO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 79
PÔR DO SOL E O MAR, POR SIMONE PEDRÃO, PÁG. 81
UMA DAS MARAVILHAS DO MUNDO, POR SIMONE PEDRÃO, PÁG. 83
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 85

POEMAS AO VOL. VI
PÔR DO SOL

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Saudade

Por Adriana de Freitas Guimarães

Sou Adriana, fã dos livros, como um universo que nos faz evoluir. Gosto de escrever, sempre gostei, desde menina. Às vezes sinto uma inspiração e se não correr para transportar para o papel, logo tudo se perde. Assim como vem, vai embora. Parece que são momentos encantados que me presenteiam com palavras. A leitura é meu alimento e a escrita minha libertação.



Uma palavra que começa com S e que tem som de S, me acordou esta manhã.
Sua origem é doce, mas oscila entre o doce e o meio amargo.
Evito ao máximo senti-la, mas, ela insiste e mostra a que veio.

Aperta o coração, e quanto mais ignoro mais persiste, até que se expande e explode em um mix de prazer e dor.

Palavra "luso-exclusiva" e sem tradução, que começa com S , e não sei se termina.

Levantei da cama, sacudi a cabeça, no afã de espantá-la, mas de nada adiantou, pois a esperta, visita a cabeça, transita pelo corpo, mas domina o coração.

Palavrinha sábia essa, que vem sem pedir licença e devagarinho toma conta dos espaços vazios.

Preenche e aquece o peito, faz vibrar a boca do estomago, dá frio na barriga, escasseia o ar dos pulmões, e acaba por simular um sorriso involuntário no canto dos lábios, deixando a pessoa com cara de boba mas com alegria no peito.

Começa com S e termina não sei como.

Dependendo do protocolo, é proibida, se foi combinado... Nossa! Não posso senti-la! E agora!

Preciso matá-la!

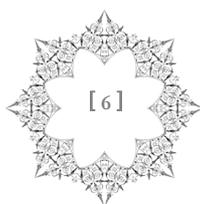
Mas, ela insiste, persiste, domina.

Dizem por ai que para matá-la, é coisa simples. Mas, por vezes me parece que quanto mais se evita mais ela cresce!

Talvez o antídoto seja a reciprocidade, acordar a quem a ela deu origem, para também ficar com esse S no peito, seria isso muita maldade?

Só assim, me permito sentir, essa palavra sagaz, que começa com S, se aquece com um abraço mas só se mata com um beijo.

Saudade.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

No horizonte

Por Alessandra Collaço

Desde criança, Alessandra Collaço, nascida em Itapetininga/SP, em 28.12.1973, tem paixão pela leitura e pela escrita, mas foi com a aposentadoria na educação, que passou a se dedicar à carreira de escritora profissionalmente. Os sentimentos que mais lhe são caros são a paz e a gratidão, sendo que a paz nem sempre é uma calmaria na rede, também é se posicionar sobre ideias e direitos e sua escrita traz muito sobre este aspecto da vida, em especial, das mulheres.



É luz...

É a energia que emana
na clareza que nos cega
alimentando nossa vida
na beleza que entrega.

É guia...

Permite ver por fora
inspira olhar pra dentro
quando nasce cutuca o sono
ao se pôr é acalento.

É esperança...

Sob seus olhos claros e acesos
corremos a vida sem amanhã
ao se pôr embala cansaços e sonhos
nos entregando para a lua, anciã.

É astro...

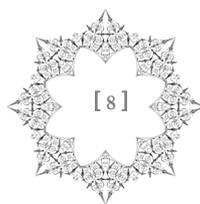
Ora se revela explícito sem pudores
ora se guarda sobre as nuvens
despertando saudade do calor sentido
com pé na areia beirando vertigens.

É companhia...

Nos encontra dia a dia, sem mágoa
traz o presente que cura ferida:
o calor, a luz, o hoje e suas possibilidades
e quando se vai, é o maior espetáculo da vida.

É arte...

Sua imagem ao entardecer
emudece cada ser admirado
é momento de encantamento:
no horizonte, o colorido sol dourado.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

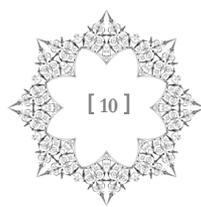
Coração desnudo

Por Ane Rose Gassen

Sou Ane Rose, nascida e criada em SC, porém aos 20 anos me mudei para o RS e entrei para a Universidade. Sou professora graduada em Letras Português/Inglês, Pós-graduada em Estudos da Linguagem -Línguas, Literaturas e Tradução. Cursando Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários. Ensino inglês e português há mais de 15 anos, entre escolas públicas e privadas. Trabalho com adolescentes e jovens adultos, bem como alunos particulares de inglês, com forte atuação no ensino online. Eterna apaixonada por livros, música, literatura e poesia. Escrevo poemas desde os meus 12 anos e sempre pensei em algum dia publicá-los. Penso que chegou o momento. Outro dia sonhei com palavras espalhadas ao vento, acordei e uma voz me disse, escreva este poema. Foi assim.



Sou coração, sou estilhaços, sou pedaços
Nesse fazer-me e desfazer-me, me despedaço,
Às vezes me perco, outras me acho
Vou sendo em descompasso
O coração é meu guia, meu andar por vezes em cacos
Ele segue sendo minha bússula, meu norte e sul
Então sinto muito, vibro, pulso, busco, encontro,
Em devaneios por vezes me escapo
Caio, levanto, ando, corro, outra vez tropeço
No meio caminho outra vez me refaço
E retorno, e recomeço
Sinto o mundo, sinto o pulso, coração desnudo, submerso
Sou pele, alma, sou carne, chama que arde.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

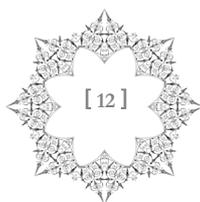
Corpo e alma

Por Ane Rose Gassen

Sou Ane Rose, nascida e criada em SC, porém aos 20 anos me mudei para o RS e entrei para a Universidade. Sou professora graduada em Letras Português/Inglês, Pós-graduada em Estudos da Linguagem -Línguas, Literaturas e Tradução. Cursando Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários. Ensino inglês e português há mais de 15 anos, entre escolas públicas e privadas. Trabalho com adolescentes e jovens adultos, bem como alunos particulares de inglês, com forte atuação no ensino online. Eterna apaixonada por livros, música, literatura e poesia. Escrevo poemas desde os meus 12 anos e sempre pensei em algum dia publicá-los. Penso que chegou o momento. Outro dia sonhei com palavras espalhadas ao vento, acordei e uma voz me disse, escreva este poema. Foi assim.



Apressa-te a me encontrar
Tempo, não temos
Volta depressa, conta-me o que tem passado
Sussurra no meu ouvido tudo aquilo que eu quero ouvir
Todo desejo, calor e intensidade que me faz água
Escorro para dentro de ti
Dois corpos, uma alma, uma chama, um desejo
Quando te vejo me perco
Quando me perco, te quero
Quando penso, te desejo
Todo o tempo, te busco
Quando encontro, desfaleço
As almas enfim se conectam
Antes da língua, quero enroscar em suas palavras
Antes de deslizar pelas curvas de suas pernas, te acompanho com meus passos
Antes das roupas no chão, inteligência nua
Antes do encaixe, ajustamos as imperfeições
Antes do corpo, alma.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A canção que faltava

Por Antonio Carlos Marques

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado, já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



A CANÇÃO QUE FALTAVA¹□

E era uma canção que faltava . . . e era, também, uma canção que falava!

Desse poleiro da necessidade, já há muito estava hasteada a base da impunidade. Base da impunidade? Sim, ao suplício de morte não era encomendada má sorte? A esse poleiro do supliciamiento não eram destinados os de bom policiamento? Esse resultado funesto o era o do encontro da destinação com a morte em destruição. Morte em destruição? Sim, ao cadafalso da extirpação, não era destinado o vil ladrão?

E, assim, a estela do marco da funerária, era estrela dos fachos negros. Esses fachos negros eram as lamúrias sem ecos de usuras, dos gritos aflitos dos parentes, conflitos: não se conflitavam entre a justiça e a impunidade? Entre a deserção da finalização e o início do perdão?

Mas os botões dos líquidos sangues, abotoados às terras das origens, em respingos de gemidos, eram abraço da seiva viva com a pior acolhida. Pior acolhida? Sim, não dizia a irmã terra à seiva da condução: que fazes em retorno acelerado? Por que feres meus sulcos de cicatrizes sedentas com o gume ferido do teu cortante líquido? Não és dor destacada da falta de pudor?

A voz do desatino foi o impulso à costumeira ação do hábito da mutilação.

Os clamores da turba espectadora era grito despudorado da má consoladora. Má consoladora? Sim, não eram renovadas as vozes que pediam novos martírios?

A abóbada que os enlaçava, como redoma da perdição, eram as paredes e o teto da ação do dragão.

Até que, num dia dos tempos das divinais consolações, o envio da Ave do Arrimo, arribação de salvação, por eclosão da magnificência, em útero da embrionagem de Brancura Imaculada, certeza espelhada, em imagem do Espírito Que Concepciona, ao jardim dos exilados, como Superior Enviado, foi, pelo Altíssimo Beneplácito, ao chão deslocado, na planície dos desterrados, o Superior Alado.

A canção que faltava era a canção que calava. Canção que calava? Sim, não emudecia as bocas boquiabertas? Não cerrava a cerração, em cercando-a com brilhos de claridão? Não cantava quando calava? Não calava quando cantava? Não amorava quando amornava? Não aquecia quando acolhia? Não espantava quando exorcizava?

¹ Jesus Cristo

E a canção do mundo chegou devagarinho e (Ele) veio sozinho. Canção do mundo é solidão do acompanhado? Onde estava, sei que direis, quando a música da gestação era embrião da germinação? Por onde e em que solos desgastados se enlaçara como semente depositada? Por que não germinara quando se encomendara? Já não possuía tempo e azeite? Já não estava repletada de combustível a candeia do iluminamento? Por onde ou em que Sol do pavio incandescente andava a Luz do Início? Por que o místico do palito do incendiamento não se atritara, ainda, com o início do sofrimento? Não é este o estopim da melodia? Não é esta sofrida dorida do encontro do Dedo que Canta com o Som que Comove? E, se comove, do som que encanta, e, se encanta, das notas que delicias? E, se assim o é, não era a canção que faltava? E, então por que se calava?

Sei que, perspicazes, direis: não estava o Rei acompanhado dos musicistas menores? Não era, o Rei, do séquito da encomenda, o encomendador Mor? Não se encomendara quando se aminusculara? Não se limitara quando se declarara? Quando se declarara? Ora, quando à semente a Árvore da Vida foi enviada como limitação que se auto circunscreve, não era a Flor da Natureza, o germe da antes realeza?

Somente o que não é humano pode mergulhar do Altar do Pomar à esterqueira da sujeira. Esterqueira da sujeira? Sim, embora o útero alugado à pacienciosidade da virtude ser cômodo imaculado, o nascimento ao mundo abandonado, porque se abandonara, foi partejamento da inversão. Parto invertido? Sim, não foi, pelos homens, mal acolhido? E não foi esse branco mergulho da Ilusão da Purificação, no rio negro da destruição? Já não estava o cadafalso engatilhado? Não havia as “boas vindas” dos rebaixados convidas? Não convidaram estes ao judas da traição, com a isca da ganância? Não era peça da composição da malquerência? Não era nau do desamor no hino do amor? Não era vilão no sublime salão? Salão dos donze do chamamento?

E, apesar disso tudo, os “sumos” do deicídio, eram letrados do judaísmo. Eram tanto os depósitos das escrituras dos tempos do abandono, porque se abandonaram, como dos vestígios da expusão. Eram, isso sim, seqüelas da desfigurança. Seqüelas da desfigurança? Sim, eram pretas expulsões dos intestinos das moscas nos quadros da vida. Eram germes patogênicos da falta da higienidade. Por isso tudo, estercos de malquerença, corja da imundície e fermentação da desunião. Esterqueira da sujeira, com ímpetos de catalização das sementes daninhas da exterminação: não são estas o jôio da perversão?

Só após ao atrito da escarificação com a multidão da gangrenação, embora salvando aos da oração e expulsando aos do dragão, somente ao após do humano

sofrimento pelo atrito do conflito . . . atrito do conflito? Ora, não é do filho do homem, homem também, ao após da preta moagem, a clarinada soante da canção que faltava? Então, só após o embate do bom combate, a coroa dos espinhos, como “êxito” das ervas daninhas, em florada dos botões do mal(esses botões são os espinhos dos crucificados em martírios de gotas rubras que saltam aos olhos dos corações dos que olham com admirações) lhe foi entregue como símbolo do reinado do “pobre coitado”. Quando o que lavara as mãos², em inércia de decisão, com medo da multidão, ao mau combate se rendera(porque se perdera), a água dessa purificação do nada da ação, quando esse líquido chegou à terra do ao abaixo do morto de vontade, a recepção do chão da terra, à lágrima não chorada, falou mais ou menos assim:

— Sou a água do desperdício.

— Sou a ação da encenação: sou o meio do atrito entre o choque do nada com a vergonha da pancada. Vergonha da pancada? Sim, ao não cantar a música da sentença final, ao afastar o contato mais íntimo das epidermes, não sou escama que destruo?

— Sou a negação da boa ação.

— Sou a ignomínia das mãos erradas dos errados combatentes: sou a cruz do punho da espada que assassina!

— Sou a cruz da âncora do imobilismo na decisão da certidão. Decisão da certidão? Sim, não sou a água branca da condenação do Bom Cristão?

— Sou o verdugo desafinado que mutila o Cantador pássaro alado.

— Sou a cúmplice da mercadoria das políticas dos acumpliciados na maldade. Não sou soledade em gestação, mas sou deputado em corrupção. Não sou senador na sabedoria da senectude, mas sou, isso sim, velho astuto na malvadeza sem decrepitude.

— Não me infiltro nas rachaduras das gretas da terra sem usura, mas sou o líquido da hediondez. Líquido da hediondez? Sim, sepulcro caiado pela brancura da estatura, mas poleiro negro do túmulo interior da fetidão sem explicação.

Ele se preparara em missão de espera: esperava a eclosão quando a casca do ovo se quebrasse com o atrito da hora marcada. E era, essa hora, o martelar do túmulo do mal, na casca fina do envolvido pelas células do animal. Embora racional, a túnica do envolvimento do Bom Parente, conselheiro das alturas, enviado da superioridade e, a

² Herodes

própria superioridade, pela couraça da animalidade, era tecido sem elasticidade. Essa elasticidade é a que permite os vôos superiores lá, lá na terra da eternidade: por não haver limitações de epidermes, a total liberdade é a suprema originalidade.

No poleiro do amor, a cruz do simbolismo, a canção que faltava fez morada dos aplausos. Morada dos aplausos? Sim, à abominação do coroamento pela inspiração dos derrotados, mas, até ali, inscientes do martírio verdadeiro, traidores conselheiros, ao aconselharem à turba, os sumos da maledicência, em inferior ciência, ao extirparem o “seu” escândalo, ergueram o marco do poleiro da estela do braço vertical. Nesse, por transversal horizontal, a Ave que Canta, arribação de Outra Primavera, fez o canto eterno da Aliança da Renovação. E o sangue imaculado derramado, por vestígios da Divinal Sabedoria, ao lacrar de estampas da eternidade, o lençol branco do flash eternificante, com cicatrizes celestiais, não foi o líquido que escorreu à terra das origens rebaixadas, mas foi o Linho Supremo que sulcou com riscos de alegria o pano que sofria, as letras escritas aos “sumos” de hoje, escandalizados ainda, esperantes ainda, da “sua” canção que instiga rebelião. Querem o Rei dos tronos terrestres como seus vis alicerces. A sua estela não é a da cor do suplício, mas é a da estrela do domínio. Dizem mais ou menos assim:

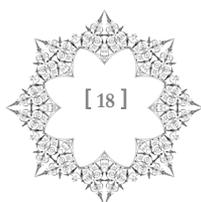
- Somos guerreiros e interesseiros.
- Somos combatentes e muito valentes.
- Queremos poderes e sons de trombetas. Tropéis de cavalos em orgulhos de dominações.
- Não queremos timidez e sim, altivez é a nossa coroa de espinhos nos escravos dominados.
- Somos “brava” gente do espírito aguerrido.
- Os pacíficos devem ser crucificados nas cruzes dos escravos abandonados.
- Nossa face ferida pela bofetada de mão solerte é cusvida na ferida: a resposta é a lâmina do punho da cruz que destrói, com o impulso do coração que não constrói.

Esquecem-se eles, que o ânimo dos guerreiros da felicidade, atirados à escravidão da rebaixada multidão, quando perderam o combate à serpenteante escuridão, inserido como atavismo da bondade primeira, é o verdadeiro galardão da lembrança da inspiração. E é essa inspiração a bondade em ação que, ao perdoar, do inimigo a maldição, canta a oração da canção que faltava. E é, essa oração, o som mavioso que se destaca do Alto Falante da cruz estampada, como musicatura da Altura: não é diapasão no meio da

multidão? Não é Som do sobreerguimento? Não é decifração da estagnação? Não é condução do abandonado na terra da deserção? Não se desertara quando se abandonara? Não se pervertera quando do fruto proibido comera?

Então, da Ave da Arribação, poleiro da edificação, a Superior Canção, em retorno sem amarras, amarra chance de elevação ao rebaixado poltrão.

Eu, o Poleiro que Canta





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

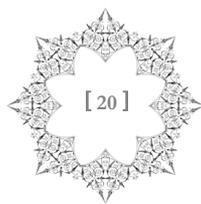
A água pura

Por Antonio Carlos Marques

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado, já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



Era sempre um rio que serpenteava
As pedras das suas margens
Ah, as pedras das suas margens:
Essas eram lisas e muito bem polidas
Mas, era sempre um rio que serpenteava
Entre arestas de folhas cortantes
Lá no início da sua caminhada
Também no meio e no fim
Disso ele se lembrava
Também no meio e no fim do seu leito
Haviam pedras pontiagudas
Mas, os seixos rolantes
Eram bem lisos e bem polidos
A água sempre foi suave com as pedras
Quer fossem pontiagudas, ásperas ou muito bem polidas e lisas
Elas (as pedras) não sabiam que sua lisura
Nascera da paciência da água pura.
Eu, o que purifico





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O Sol do sorriso

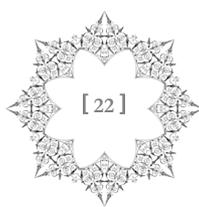
Por Antonio Carlos Marques

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado, já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



O dia raiava bem cedo
E na mansidão da quietude
É de boa atitude
O madrugar nas coisas da vida
É de boa cepa
O que se antecipa aos seus tropeços
O dia vai raiar e já vai se instalar
Mas, o radiante de felicidade
Antecipou esse momento de magia
Por isso, nesse dia, o seu dia raiava bem cedo
E até o Sol que mais tarde lhe iluminou o seu sorriso
Parecia pedaço do seu espelho a sorrir, a sorrir, a sorrir. . .

Eu , o Sol do Sorriso





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O lambe-lambe

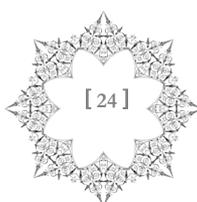
Por Antonio Carlos Marques

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado, já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



Lambe-lambe é o teu fotógrafo à tua frente, que te fotografa a cada instante.
Ele pode ser o teu pesadelo e o teu sonho mais refestelado.
Ele está sempre ao teu lado e esse lado é a tua frente mais próxima.
Tu o olhas e ele te mira. Tu és a mira que ele mira e é o teu olho que te olha.
Tu o olhas e ele te olha. Ele é o teu diafragma da tua máquina de fotografias.
Tu o fotografas e ele te retrata.
Vocês dois são um só e mesmo retrato.
Quando erras, a ele te retratas.
Quando ele se alegra, a ele tu acolhes.
Quando te espelhas nesse teu lambe-lambe, o reflexo que vês naquela lente é a tua própria semente.
Quando ele te olha com sisudez mais aperfeiçoada tu és o modelo que ele contempla.
Contempla e és contemplado. São dois olhares que se olham. São dois fotógrafos que se fotografam. São o modelo que imita e a imagem que comunica.
Qual é um e qual é o outro? Não sabes e não saberás com exatidão mas . . . se o olhares bem no olho . . ., olho-no-olho, verás, que ele é o teu irmão.

Eu, o Grande Fotógrafo





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Estar na vida

Por Antonio Carlos Marques

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado, já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



Viver é estar na vida e vivenciar é algo mais, muito, muito mais. Vivenciar é estar no teu...
Viver.

Estar no teu viver é saber muito bem te escolher... Escolhe-te com sentido consentido,
siderando e considerando, existindo e persistindo na saúde da tua vivencialidade.

Vivenciar é viver com intensidade, matizando de batom o lábio da persistência na reflexão
da tua própria consciência.

Consciência é saber muito, muito mais que a tua interior diligência, aquela que acolhe o
som e o tom.

Vives refugiado no teu pequeno mundo... Aldeia interna, pigmeia platéia... Estas pigmeias
platéias são as tuas circunstâncias nos teus bailados dos teus baldes, teus vazios e ocos,
teus bailes, teus figurinos do teu espírito...

Danças neste teu interno salão, bailas na boleia do teu externo caminhão.

São ambientes, são toaletes, são camafeus, são Romeus, são maquiagens ou
maquilagens, são personas ou pessoas, máscaras ou enfeites. Confeites, borbotões, mas
são todos teus internos e externos salões.

São salas onde te reúnes, onde conversas com tuas deduções. Aptidões são e senões são
enganos; estes, também fazem parte dos teus panos das tuas vestes e das tuas pestes,
das tuas verdades, das tuas mentiras...

*Na vivência, na consciência, na arte e na ciência... Sempre existirá o pincel das feridas,
das rugas e das rugas.*

Viver é existir na vida, mas, morrer não é estar na morte...

Vivenciar é instrumentar na vida do teu lar... De existências e de assistências...

VIDA QUE SE ACALMA.

Morre a tarde das flores para os espinhos e os escaninhos... Caminhos do amortecimento e da pacificação...

Morre o som para o tambor que o despacha e não mais o acha, porque a morte do ruído é palco do ouvido aflito.

A plateia esvaziada, o camarote desabastecido, o ruído nunca jamais ouvido.

Apenas resta, muito, o bufão do silêncio, audição sem ouvidos.

Adentrei na mata e o som que me ofuscava lá atrás se aclara... Silêncio de flores, passeios de beija-flores.

O som do ruído estava, agora, perdido, perdido de mim, calado por fim...

As colunas em minhas espumas das minhas ondas de arrebentações... Vestígios e prodígios... que se acalmam na areia e na sereia...

DESLIZANDO VIDA

Avivando passos coloridos e aventando narizes em chafarizes...

Narizes em chafarizes? Sim, perfumando e aguando, cristalizando para a história e para a memória...

Caminhando na minha pegada e na minha pegadela, passos e passadas, caídas e escorregadelas...

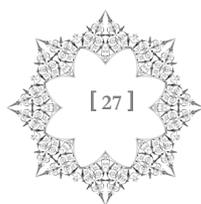
Deslizando vida, atraindo mortes, mortes e mortas mortandades. Caminhando para a frente, retornando para trás

Ziguezagueando esquinas, dobrando dobradiças, lisas lidas, liças dos segundos mundos, dos primeiros corretivos da Idade Média, quando avançam para jornadas e cruzadas...

Com a Cruz e as Cruzes, pintadas e bordadas.

Com a fé impregnada e incrustada, impingida pelo tudo e pelo nada.

(DO MEU LIVRO: CALÇADAS DA MINHA VIDA)





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

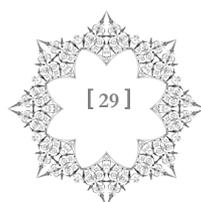
O peso da existência

Por Bruno Nascimento Coelho

Bruno Nascimento Coelho é bancário, advogado e brasiliense, nascido e criado na Capital, tenta, com a escrita, encontrar o verdadeiro sentido de seus pensamentos e explorar aspectos mais amplos de sua pessoa. Pessoa de poucas palavras, mas com sentimentos profundos e intensos sobre o que é a vida e o sentimento.



Na velha cadeira, balançando a alma,
Um eremita, solitário e cansado,
Contempla o ocaso, um drama sem calma,
E a vida que esvai, como a luz apagada.
O sol se despede, em tons de carmesim,
Pintando o céu com pinceladas de dor,
Refletindo a angústia que habita em mim,
E a saudade que me consome a flor.
Os anos se passaram, como a areia que foge,
Levando amores, sonhos e ilusões,
Deixando apenas a sombra e a noite que emerge,
E as lembranças que ferem como facas afiadas.
A solidão, meu fiel companheiro,
Assenta-se em meu peito, gélido e mudo,
E a cada crepúsculo, mais inteiro,
Sinto a morte me cercando, cruel e impuro.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Deitei-me

Por Felipe Oshiro

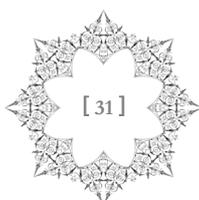
O autor nasceu na cidade de Santos em 13/01/2006. Desenvolveu sua lírica pela necessidade de extravasar pensamentos que não poderiam ser expressos de outra forma que não a poesia. Em sua opinião, a poesia é uma teia que interliga mentes e ideias, infinita e inexorável, aquilo que existe desde o princípio e que sempre existirá. O poeta é um agente de seu tempo, responsável por ler e expressar a realidade em seu entorno e em seu interior.



Deitei-me à beira da lua
Na garganta da noite
Soltei-me à voz de estrelas
Bailando à brisa nua

Chorei dois versos roucos
Tornei à mata úmida
Boiei nas ondas torpes
Na areia fui aos poucos

Dormi no Chapadão
Em meio a vaga-lumes
Reverberando mundos
- Toquei meu violão





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Pastoreio

Por Felipe Oshiro

O autor nasceu na cidade de Santos em 13/01/2006. Desenvolveu sua lírica pela necessidade de extravasar pensamentos que não poderiam ser expressos de outra forma que não a poesia. Em sua opinião, a poesia é uma teia que interliga mentes e ideias, infinita e inexorável, aquilo que existe desde o princípio e que sempre existirá. O poeta é um agente de seu tempo, responsável por ler e expressar a realidade em seu entorno e em seu interior.



Oh! Quem me dera
Num acalento
Soprar ao vento
Como uma flor
Que mal espera
Pousar no peito
No leito estreito
Do seu amor

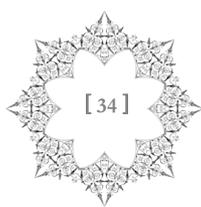
Oh! Quem me dera
Como uma pluma
Em meio à bruma
Luz encontrar
Na primavera
A linda Hortência
Que em sua essência
Me faz amar

Oh! Quem me dera
Como um pastor
Poder compor
Minha cantiga
Fosse sincera
Retornaria
A calma
Que vos castiga

Oh! Quem me dera
Ver novamente
A flora-enfeite
Que outrora vi
Beleza vera

Da verde mata
Que o fogo mata
E o homem ri

Oh! Quem me dera
Singela prece
Também tivesse
Tanta importância
Mas mal que na era
Do movimento
Só há sal, cimento
E redundância





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

1320 pores de Sol

Por Henrique Medeiros Sérgio

Escritor, Designer, Ilustrador. Palestrante: Relações Intrapessoais, Interpessoais e Pessoais. Autor/Pesquisador de Violências: Mulher e LGBTQIAPN+



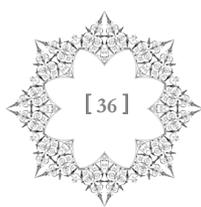
Na manhã do dia 12 de março de 2021, às 05:54, o sol nascia na cidade do Rio de Janeiro. Nesse mesmo dia de verão, com uma temperatura em torno de 27° C, no bairro do Méier, chegava ao mundo, diretamente da barriga da mamãe Carol, Thiago, um menino repleto de coragem e desafios.

Antes mesmo de completar suas primeiras 24 horas neste mundo, ocorria seu primeiro pôr do sol, às 18:34. Desde então, hoje, 30 de março de 2021, ele celebra seu 50º pôr do sol.

Para marcar essa ocasião especial, vamos comemorar com doces — um para cada pôr do sol que Thiago vivenciou. Esses doces simbolizam o carinho e o cuidado que mamãe Carol e papai Pedro dedicaram a ele a cada entardecer, cada noite e cada amanhecer, diante de todos os desafios que surgiram.

O sol, todos os dias, se doa a nós, promovendo vida, energia e transformações. Celebrar cada pôr do sol é ter a certeza de que aquele dia foi superado, e que esperamos com esperança renovada a luz de um novo amanhecer.

Hoje, 21 de outubro de 2024, já são 1320 pores do sol — iluminando todos ao seu redor! Que venham muitos mais dias repletos de amor, risadas e doces momentos!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Chuva no campo Chuva na cidade

Por Jaqueline Rocha

Nasceu em São Paulo em uma tarde de domingo. Desde pequena gosta dos animais, de leitura, e não para de aprender.

Professora, autora de um blog de espiritualidade e também adora escrever em seu site de variedades quando dá.

Escreveu 3 e-books sobre o tema de seu blog.

Ama a vida, a chuva e Deus em primeiro lugar.



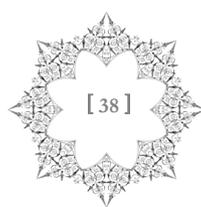
Olho pela janela
Vejo as colinas verdes
A água cai sobre elas
Chuva no campo

Caminho pelas ruas
Vejo casas e prédios
A água bate nos tetos
Chuva na cidade

O pasto está vazio
Os animais estão guardados
Chove no campo

A rua está vazia
As pessoas estão em suas casas
Chove na cidade

Cheiro de terra molhada
Poças de água no asfalto
O céu está escuro, ficou tarde
Choveu no campo
Choveu na cidade





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Chuva e vida

Por Jaqueline Rocha

Nasceu em São Paulo em uma tarde de domingo. Desde pequena gosta dos animais, de leitura, e não para de aprender.

Professora, autora de um blog de espiritualidade e também adora escrever em seu site de variedades quando dá.

Escreveu 3 e-books sobre o tema de seu blog.

Ama a vida, a chuva e Deus em primeiro lugar.

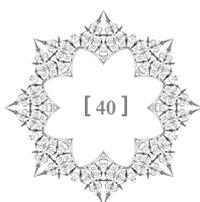


Chove sem parar,
O céu está fechado
Há muitas dúvidas no ar

A chuva cai e molha
O dia vai findar
Sinto tristeza no ar

Mas a água faz parte da vida
Ela está nas lágrimas, nos rios e no mar
Eu sei que a esperança ainda vai voltar

Contemplo o céu e a chuva
Logo a chuva vai parar
E um dia as lágrimas vão secar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Chove por aí

Por Jaqueline Rocha

Nasceu em São Paulo em uma tarde de domingo. Desde pequena gosta dos animais, de leitura, e não para de aprender.

Professora, autora de um blog de espiritualidade e também adora escrever em seu site de variedades quando dá.

Escreveu 3 e-books sobre o tema de seu blog.

Ama a vida, a chuva e Deus em primeiro lugar.

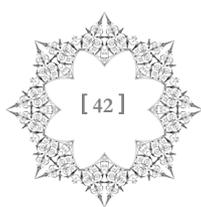


Está chovendo,
A cidade está parada
E a Mata Atlântica, encharcada

Dentro de casa
Tem aconchego
E o que comer com café preto

A chuva traz reflexão
Me dá tanta saudade
Mas como andar pela cidade?

Chuva, chuva
Traz alívio ao coração
Chove por aí então.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Crepúsculo de Fogo e Sombra

Por José Alberto Janeiro

José Alberto Janeiro nasceu em Portugal, Almofala – Figueira de Castelo Rodrigo, em 17 de Junho de 1958, filho de mãe brasileira, adoptou como sua segunda terra Vila Nova da Barquinha. Estudou Gestão de Empresas e possui um mestrado em Marketing e Gestão Comercial feito em Espanha. Em 1986 foi considerado JEEP (Jovem Empresário de Elevado Potencial) e desde sempre exerceu profissões ligadas à área da gestão.

No âmbito da sua área profissional tem um vasto número de artigos publicados em jornais e revistas. Foi sendo convidado como orador em vários eventos profissionais. Desempenhou ainda as funções de formador/consultor nos mais variados aspectos relacionados com a sua área de trabalho.



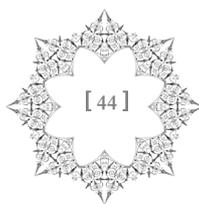
Ao pôr-do-sol, quando o céu se acalma,
e os tons laranja vestem o ar,
há um sossego que invade a alma,
um passo lento de descansar.

O sol desce o vale, rubro e cansado,
riscando o dia com cor final,
um fogo brando, quase apagado,
um eco quente, sutil, letal.

As sombras dançam na terra fria,
beijando o chão, morrendo no chão,
como se a noite em breve as guia
por entre as dobras da escuridão.

E eu ali, sem pressa, observando,
de olhos presos na imensidão,
sinto o silêncio me iluminando,
trazendo paz, desfazendo o vã.

Assim me encontro, breve e profundo,
a cada poente, a cada fim;
naquele instante, abraço o mundo
e o mundo inteiro se apaga em mim.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Caminho das chamas

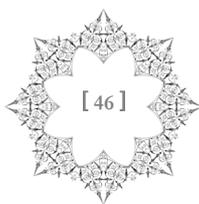
Por Leona Valentina

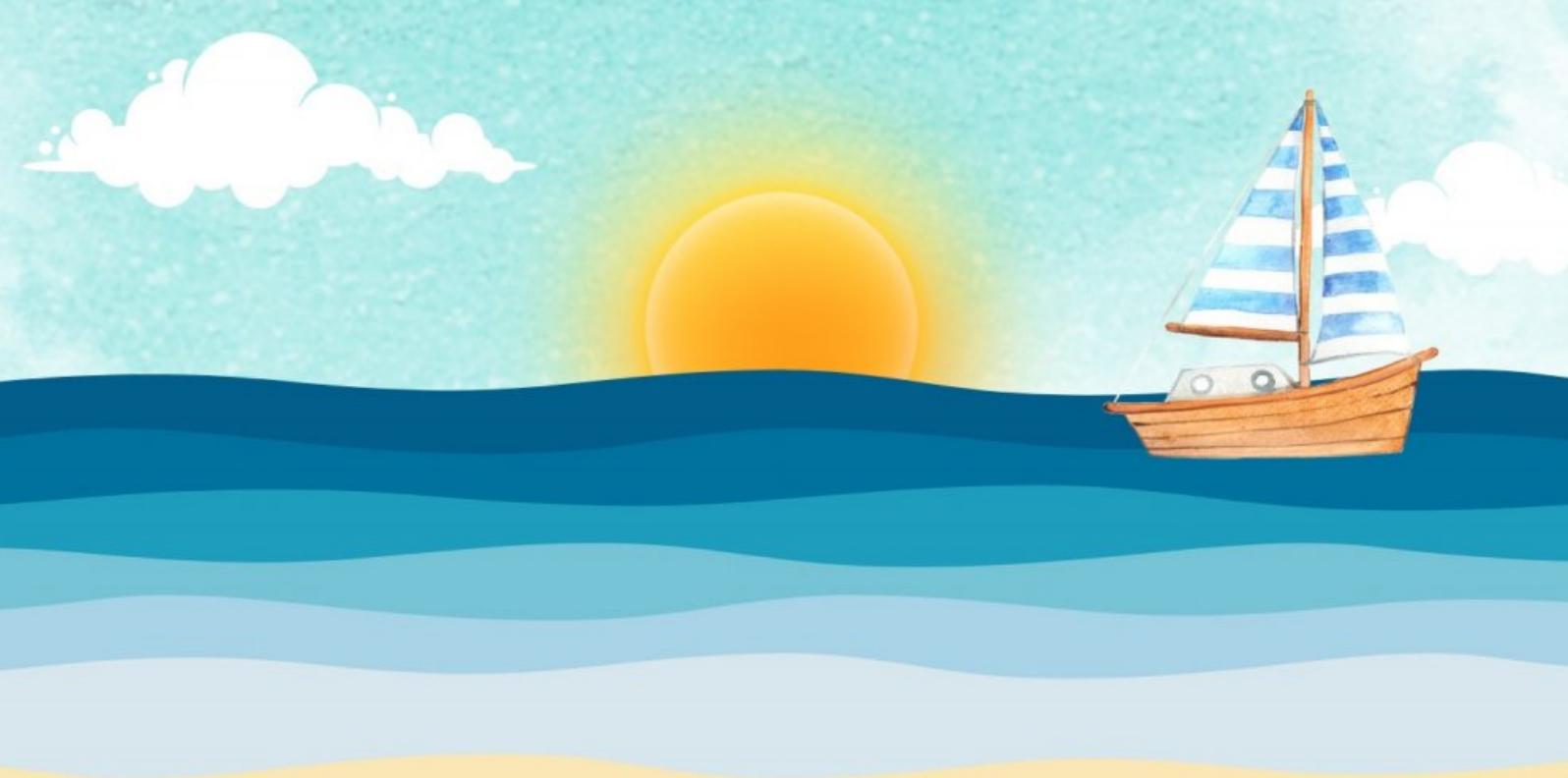
Sou estudante de Letras pela Universidade Federal de Alagoas. Escrevo poesia como forma de expressão e conexão com minhas raízes, explorando temas como memória, tempo e a complexidade das emoções humanas. Acredito no poder da palavra para transformar e inspirar. Meus versos refletem a vida no sertão e a busca pela compreensão das emoções profundas que nos cercam.



Há uma estrada oculta sob os passos do tempo,
Onde o pôr do sol tece seus segredos ardentes.
Ali, não há destino, só a chama que dança,
Desafiando a noite que devora silente.
Cada faísca é um grito de algo que nunca será,
E eu sigo, queimando, sem jamais voltar.

O céu se fecha em véus de sombras,
Mas, no silêncio, o fogo não cessa.
Eu me consumo nas cinzas do passado,
E delas, nasce a promessa.
Não sou mais que um eco do que já foi,
Mas sou chama viva no breu que se põe.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O peso do crepúsculo

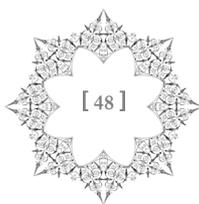
Por Leona Valentina

Sou estudante de Letras pela Universidade Federal de Alagoas. Escrevo poesia como forma de expressão e conexão com minhas raízes, explorando temas como memória, tempo e a complexidade das emoções humanas. Acredito no poder da palavra para transformar e inspirar. Meus versos refletem a vida no sertão e a busca pela compreensão das emoções profundas que nos cercam.



Quando o último raio toca a terra,
O peso do dia cai sobre mim.
Entre o que foi e o que poderia ser,
A luz se apaga, e eu me perco em fim.
Há um vazio entre as palavras ditas,
E o silêncio pesa como um adeus sem fim.

Vejo-me nas sombras que o sol deixou,
Um reflexo que mal reconheço.
Carrego as horas, já mortas, no peito,
E o que resta é o que nunca esqueço:
Um suspiro de estrelas morrendo,
E o eco de uma noite em mim nascendo.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A noite respira em mim

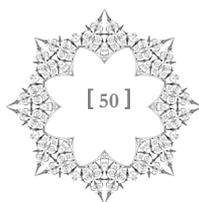
Por Leona Valentina

Sou estudante de Letras pela Universidade Federal de Alagoas. Escrevo poesia como forma de expressão e conexão com minhas raízes, explorando temas como memória, tempo e a complexidade das emoções humanas. Acredito no poder da palavra para transformar e inspirar. Meus versos refletem a vida no sertão e a busca pela compreensão das emoções profundas que nos cercam.



O sol adormece no horizonte,
E sinto o peso da noite em meu peito.
A escuridão não é ausência, mas presença,
Um manto que me veste de todo o não dito.
A noite respira em mim,
E em cada suspiro, ouço o universo ruir.

Há algo de eterno no apagar das luzes,
Um segredo que só o silêncio sabe.
E eu, feito de sombra e medo,
Me afogo no brilho do nada que cabe
Entre o último raio e a primeira estrela.
Sou pó cósmico no ventre da espera.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O ciclo do nunca mais

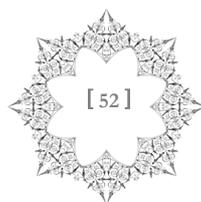
Por Leona Valentina

Sou estudante de Letras pela Universidade Federal de Alagoas. Escrevo poesia como forma de expressão e conexão com minhas raízes, explorando temas como memória, tempo e a complexidade das emoções humanas. Acredito no poder da palavra para transformar e inspirar. Meus versos refletem a vida no sertão e a busca pela compreensão das emoções profundas que nos cercam.



Toda vez que o sol se põe,
Algo em mim se quebra.
Os dias são ciclos de esperas não cumpridas,
Promessas afogadas na espuma do agora.
E eu, feito maré, volto a morrer
No mesmo ponto em que comecei a viver.

Mas, de novo, o sol renasce no horizonte,
Como se a noite fosse apenas um devaneio.
E me pergunto: quem sou eu nesse ciclo?
Uma sombra? Um grão de areia no meio?
O nunca mais parece um alívio,
Mas a vida insiste no recomeço.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Cicatrizes do crepúsculo

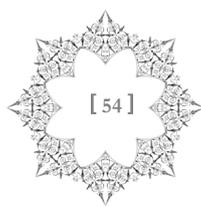
Por Leona Valentina

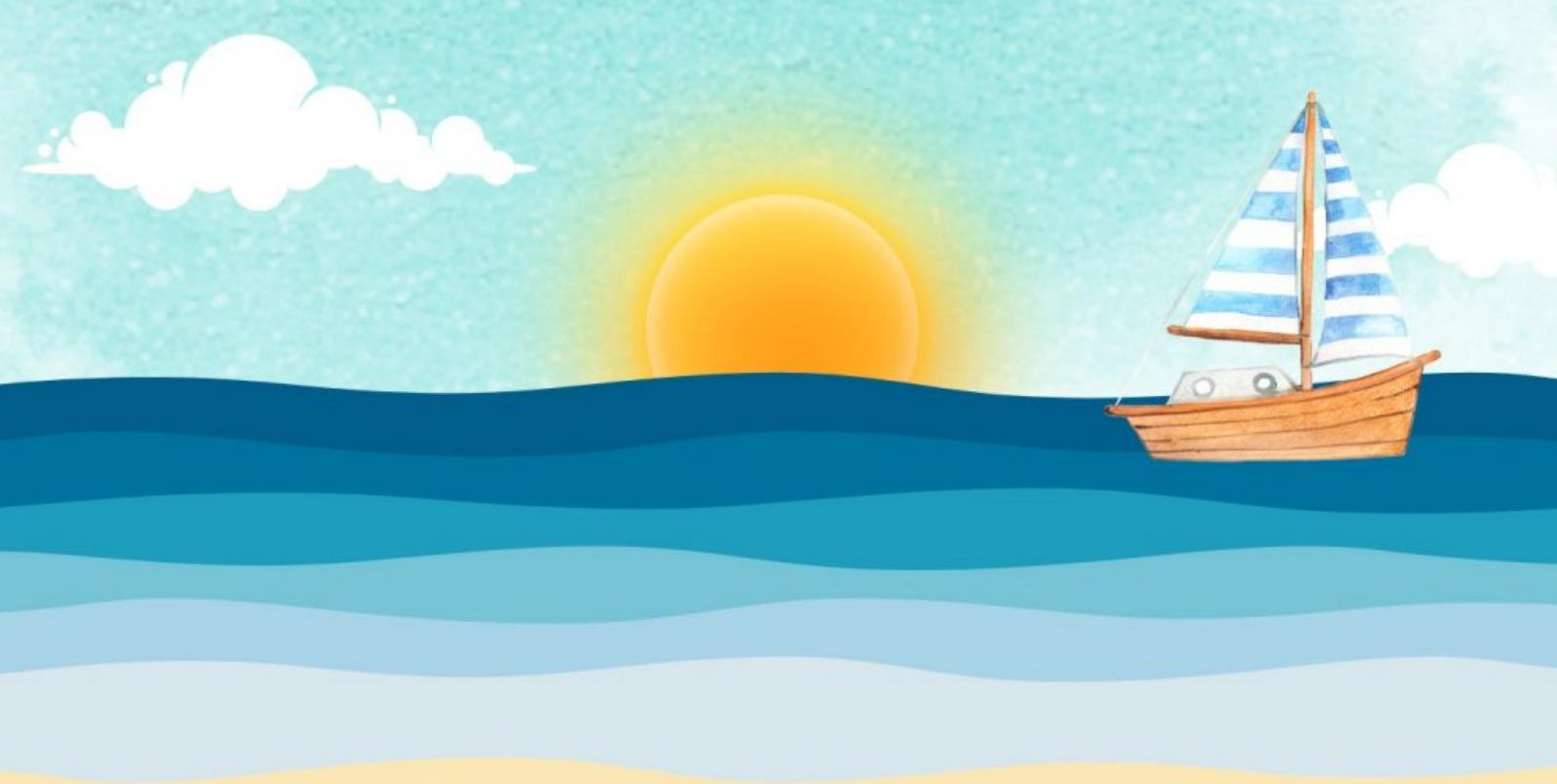
Sou estudante de Letras pela Universidade Federal de Alagoas. Escrevo poesia como forma de expressão e conexão com minhas raízes, explorando temas como memória, tempo e a complexidade das emoções humanas. Acredito no poder da palavra para transformar e inspirar. Meus versos refletem a vida no sertão e a busca pela compreensão das emoções profundas que nos cercam.



Há cicatrizes que o sol não cura,
Marcas profundas que ele apenas ilumina.
No entardecer, elas brilham em tons dourados,
Como memórias que se recusam a desvanecer.
Cada linha no céu é uma linha em mim,
E no silêncio do crepúsculo, ouço o que não vi.

As cicatrizes contam histórias de luz e escuridão,
De dias que se foram sem perdão.
Mas elas também são mapas de sobrevivência,
Trajetórias de dor e resistência.
E assim, entre o sol e a noite que me invade,
Encontro a beleza de cada verdade.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Pôr do Sol

Por Luís Costa

O Luís Costa é uma pessoa muito ansiosa e depressiva que usa da escrita para buscar soluções para os seus problemas do cotidiano. Ele é casado, pai de um menino de 10 anos, é servidor público federal e tem os poemas como um hobby, mas ainda está iniciando a vida de escritor, com poucas obras publicadas no Instagram e Youtube.



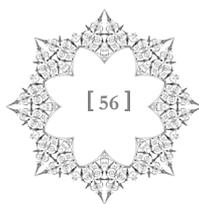
Uma vista linda a contemplar,
Azul e laranja se encontram no ar,
O dia despede, sem pressa,
E a noite começa a se revelar.

Um momento raro de sorriso,
Na transição suave do céu,
Enquanto o horizonte se apaga,
E o escuro veste seu véu.

Reflexões surgem na mente,
Os "porquês" que nos cercam, tão densos,
Nos aprisionam em dúvidas,
E ocultam os momentos intensos.

Olhar para dentro é importante,
Mas nunca uma tarefa leve,
Por mais que a alma persista,
A calma não sempre se atreve.

Mas não devemos esquecer,
Para a lua poder brilhar,
O sol precisa ceder,
E deixar a noite nos abraçar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

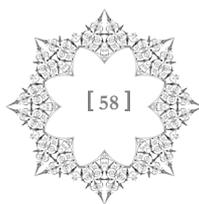
O segredo

Por Marivânia N. Nogueira

Marivânia N. Nogueira tem 42 anos, casada e mãe de dois filhos queridos. Formou em Pedagogia em 2006. Pós-graduada em Supervisão e Inspeção Escolar em 2007. Pós-graduada em Educação inclusiva em 2019. Pós-graduada em Neurociência e aprendizagem em 2023. Pós-graduada em Autismo em 2024. É cursista de Graduação em Letras Inglês. É cursista de Pós-graduação em O ensino de estudantes com deficiência pela UFJF. É cursista de Pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado pela UNESP.



Quer ver a prova do segredo
não basta acordar cedo
É preciso força e coragem, coragem meu rei, coragem!
passeando pelo jardim estive a pensar
deixe os pensamentos embarcar em uma bela viagem
Em qualquer idade
e buscar a liberdade
no mato ou na cidade
No jardim da vida vi grama cabeluda e rosas descabelada
E mesmo assim pus-me a observar encantadoramente
seus encantos, como se renova e tudo passa,
na vida tudo que hoje há, amanhã não existe mais
Tudo que se deseja um dia chegará em mãos
Quem tem o segredo para uma vida boa
que dos montes mais distante ecoa
Não se entrega à vaidade
e viverá uma vida nova ao som da felicidade.
E de onde vens, tão pura e sublime? Vem do alto! Emanada dos céus





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

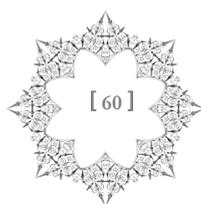
Atemporal

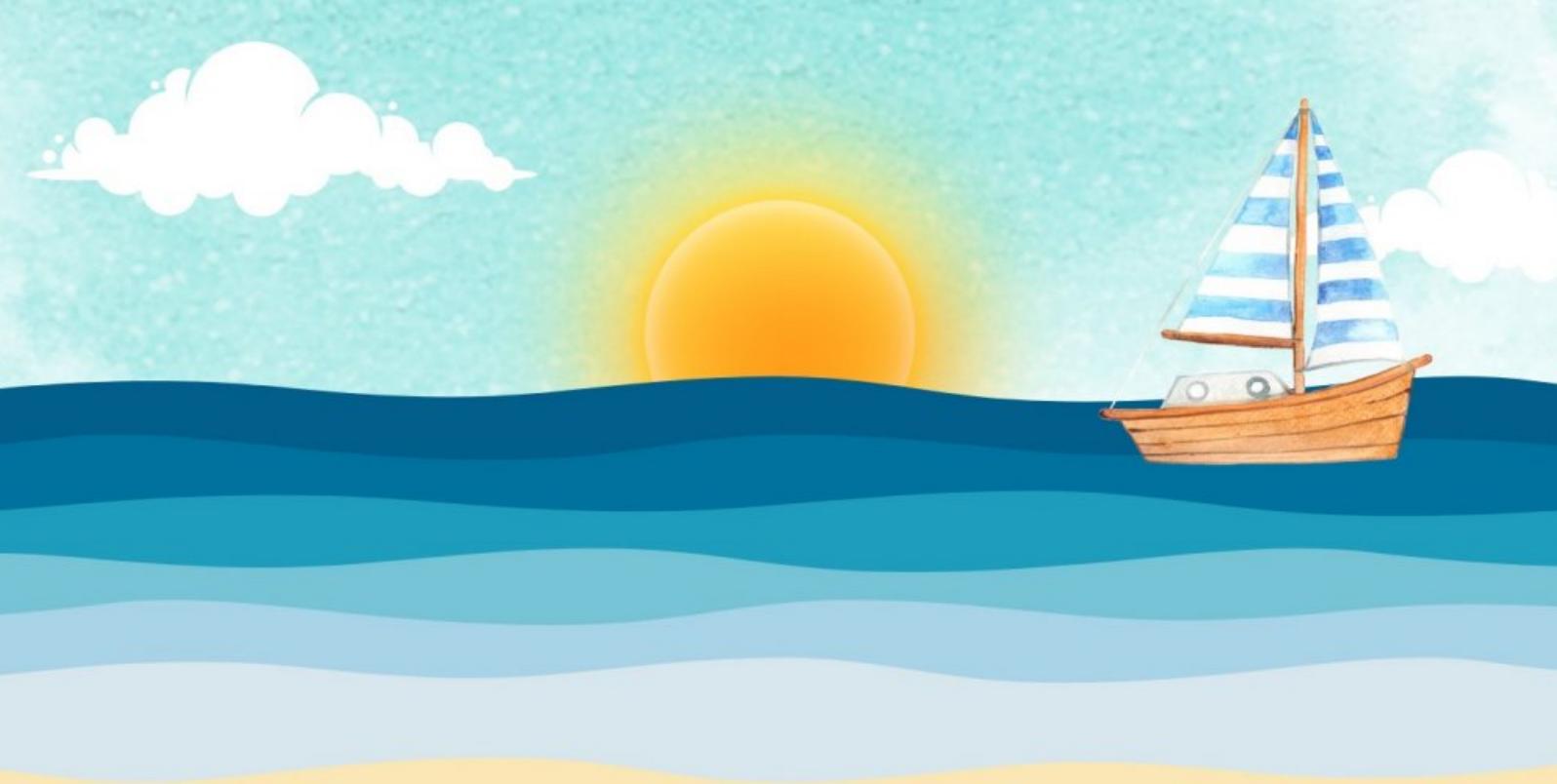
Por Mário S R Ananias

Mineiro, João Monlevade, Mário S R Ananias é Escritor, Palestrante e PcD (poliomielite). Atuou em diversos Conselhos e entidades de defesa de Direitos em BH. Jogou basquete em cadeira de rodas e criou programa de inclusão digital (Projeto Humanidades) em convênio com diversas entidades em BH. Formou-se em Administração e Gestão Pública. Especializou-se em Planejamento e Orçamento Público e Gestão Pública Legislativa, foi responsável pelo patrimônio da CLDF. Autor dos livros Sobre Viver com Pólio I e II. Articulista em periódicos de MG e DF.



E se bem que houvesse
precedido o tempo
ao tempo em que ele nem o era,
nunca serás velha, velha amiga,
pois é de tua retidão a fonte
em que se baseou o Criador
para definir o pulso dos quasares.
Em ti está o parâmetro
primeiro... e o último alento.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

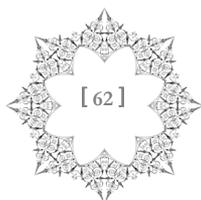
Musa

Por Mário S R Ananias

Mineiro, João Monlevade, Mário S R Ananias é Escritor, Palestrante e PcD (poliomielite). Atuou em diversos Conselhos e entidades de defesa de Direitos em BH. Jogou basquete em cadeira de rodas e criou programa de inclusão digital (Projeto Humanidades) em convênio com diversas entidades em BH. Formou-se em Administração e Gestão Pública. Especializou-se em Planejamento e Orçamento Público e Gestão Pública Legislativa, foi responsável pelo patrimônio da CLDF. Autor dos livros Sobre Viver com Pólio I e II. Articulista em periódicos de MG e DF.



Da dor de te queres que eu morra um dia
e sofra e dure enquanto dure a dor.
De te sofrer, no entanto – tantas juras... –
a dura morte se cansou de mim
que firmo o passo,
passo-a-passo a rir...
Riso de louco
que da dor se ri.
E, triste riso que sorrio a ti,
meu mal maior e meu maior sorrir.
Oh, triste musa, ainda amo a ti.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Imagem

Por Mário S R Ananias

Mineiro, João Monlevade, Mário S R Ananias é Escritor, Palestrante e PcD (poliomielite). Atuou em diversos Conselhos e entidades de defesa de Direitos em BH. Jogou basquete em cadeira de rodas e criou programa de inclusão digital (Projeto Humanidades) em convênio com diversas entidades em BH. Formou-se em Administração e Gestão Pública. Especializou-se em Planejamento e Orçamento Público e Gestão Pública Legislativa, foi responsável pelo patrimônio da CLDF. Autor dos livros Sobre Viver com Pólio I e II. Articulista em periódicos de MG e DF.

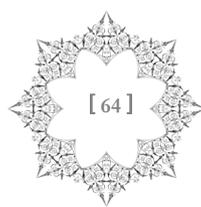


Das teias de ti me ausento
quando navego meus sonhos
por largos mares risonhos
com indizível intento.

Se nos tornássemos um,
nessa união de tormento,
seríamos zéfiro, vento...
E, contra o mal, um simum.

Mas, tu não tens pensamento.
Não há como melhorá-los.
E os teus desejos são calos
de outros sonhos. Lamento.

Tudo em ti é indecisão
que descamba em sofrimento.
Se com sim a vida enfrento
e tu te tornas meu não.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

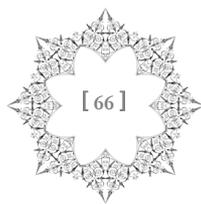
Saudade

Por Mário S R Ananias

Mineiro, João Monlevade, Mário S R Ananias é Escritor, Palestrante e PcD (poliomielite). Atuou em diversos Conselhos e entidades de defesa de Direitos em BH. Jogou basquete em cadeira de rodas e criou programa de inclusão digital (Projeto Humanidades) em convênio com diversas entidades em BH. Formou-se em Administração e Gestão Pública. Especializou-se em Planejamento e Orçamento Público e Gestão Pública Legislativa, foi responsável pelo patrimônio da CLDF. Autor dos livros Sobre Viver com Pólio I e II. Articulista em periódicos de MG e DF.



Tive vontade de sumir,
virar a página e esquecer tudo.
Determinei um rumo novo,
transfigurei meus sonhos,
ouvi outras canções,
frequentei outros lugares...
outras pessoas.
E percebi atônito que não estavas lá.
Não estavas no meu caminho,
nas festas, no trabalho,
no papo com novos amigos.
Não estavas em nenhum sorriso,
nem iluminavas qualquer lágrima.
Que alegria te perceber ausente.
E que, breve, o teu jugo se desfez,
desacordou, morreu...
Que estranho, no entanto,
que não havia paz, nem liberdade...
ou felicidade.
E descobro, tarde, que nunca estivestes ali.
Estavas sempre comigo.
E que só te percebi, quando olhei
no mais profundo de mim.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Em outubro ou qualquer tempo

Por @eu_eminhashistorias

Mulher, Mãe, Advogada. Na maturidade vem buscando, por meio da escrita, uma melhor versão de si mesma.



De perto ou de longe
Sozinho ou em companhia
Não importa como, nem onde
Cada um sabe qual é a sua travessia

Percebe como seguir o caminho
Participa de muitos encontros
Sente-se vivo
Pois a época é de encantos

Também é tempo de seguir procissão
Com cada passo como que iluminado de amor
É tempo de parar e refletir com o coração
Sobre as vivências passadas e o cotidiano de dor

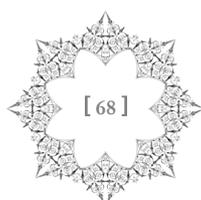
Em meio a uma multidão de sons, sabores, cheiros e sensações
Ou no silêncio dos pensamentos
Pode-se seguir esperando viver emoções
E sim. De forma mágica, serão vividas

É período de escolher sabiamente
De abrir-se ao insondável
De iniciar percursos seguindo algo reluzente

É momento de procurar brilho nas coisas simples
De sentir o que não se sabe explicar
De fechar os olhos e seguir em frente
De guardar todas as memórias com carinho
De abraçar, enfim, o momento

De fazer de janeiro. outubro ou dezembro, ou de todos os meses do ano, a qualquer instante, por vários ou por poucos motivos, inesquecível tempo

O de saber-se vivo, aberto às emoções
Tanto quanto aos desencontros





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Eu não quero flores

Por @eu_eminhashistorias

Mulher, Mãe, Advogada. Na maturidade vem buscando, por meio da escrita, uma melhor versão de si mesma.



Eu não quero apenas flores.

Não porque não goste de flores.

Na verdade, eu as amo. Ainda mais, às tulipas.

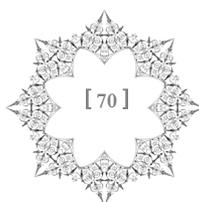
Mas eu não as quero porque sinto necessidade de um pouco mais que cor e cheiro.

Desejo um sonho em que minha alma navegue em um pequeno barco azul que, mesmo em tormentas, atravesse um mar sem fim.

Quero fechar os olhos e pensar-me gigante em um mundo de possibilidades infindáveis.

Tenho vontade de morar na água que corre sem destino.

Intento ser como um oceano, feito de muitos rios e mares, que se juntam sem deixar transparecer que, um dia, foram distintos.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Oração para o mar que não conheço

Por Rodrigo Martins

Rodrigo Martins é psicólogo e psicanalista em formação permanente, mestrando em Letras pela UFLA, e professor no ensino superior. Sua linha de pesquisa aborda a voz, as narrativas orais e suas possibilidades de transformação da subjetividade, propondo um diálogo entre o discurso da Psicanálise e da Oratura.



Para satisfazer você, eu queria ter um lugar nas tuas asas.
Para ter o teu olhar, tua aura e tua força, eu queria ter esse lugar nas tuas asas.

Pedi a Deus hoje mais cedo que Ele tire isso de mim,
esse nó atrás do esterno,
que Ele leve, lave no rio, que o rio leve para alto-mar num sol asabadado,
que evapore e chova de novo em partes amenas, cadenciadas,
suportáveis.

Para ser seu de verdade, eu queria ter esse lugar nas tuas asas,
um lugar no alto, na ponta das plumas.
Eu realmente queria aquele lugar nas tuas asas.

Eu pedi a Deus hoje que me perdoe, para eu estar nas tuas asas,
que tire o ressentimento, o peso das coisas amargas que me sujaram quando passei por
aquele lugar.

Somente para ter esse pequeno lugar nas tuas asas,
para que você possa me levar para o alto-mar no mesmo sol que evaporou os meus
perigos.

Eu preciso ter um lugar nas tuas asas depois que Deus me limpar com suas agulhas e
querubins,
apenas para que eu tenha aquele lugar nas tuas asas,
apenas para que eu possa parar de segurar o meu desejo de chorar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Paradoxo

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Querer o bem...
para si.
Pesar o bem...
para o outro.
Não faz falta o bem...
para todos.
Não fazer o bem...
para não se cansar.
Não ligar ao bem...
para o destituído.
Não seguir o bem...
para não se tocar.
Não distribuir o bem...
para não ser justo.
Não pensar no bem...
para não se chatear.
Não sofrer pelo bem...
para não se enfraquecer.
Não dizer o bem...
para não se comprometer.

Da humanidade,
desnudadas faces.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O que viria

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Bom seria poder na história,
uma borracha vigorosamente passar.
Apagar o que não valeu o papel...
o registro.
O que a memória, corrompeu.
O que nas rochas, mal interpretadas
linhas, deixou.

O que viria a seguir?...
Probabilidades então.
Inúmeras.
Com outras possibilidades.
Melhores do que fizemos,
do que a realidade humana,
sem pruridos, destruiu...
possível.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Reflexar

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

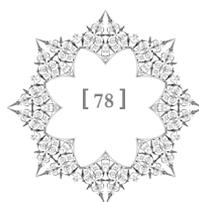


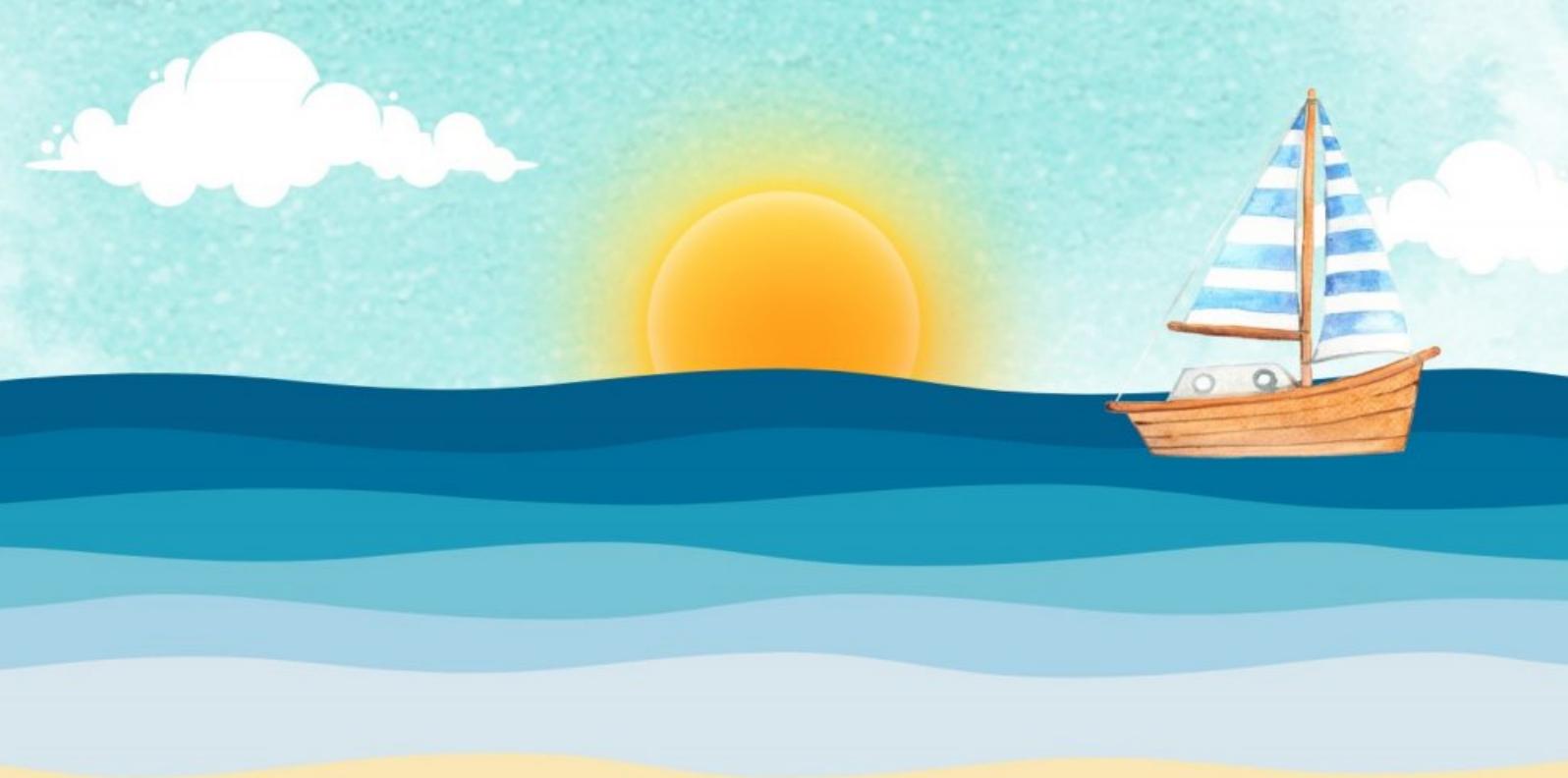
Pelo prazer da ação,
pela obra acabada,
pelo bem-estar do amparado...
vale a pena continuar trabalhando.

Com coerência e simplicidade,
pelo crescimento do bem comum,
de prepotência, despidos...
frutos bons sem nódoas, visando...
no contínuo trabalhar.

Em prol da planetária comunidade,
sempre honestos com o todo,
sem nos fixarmos em futilidades
e escusável brilhantismo...
trabalhemos!

No aparentemente píffio,
humilde e sem atrativos,
o refletir de uma aura
nas águas que o rodeiam,
é encantamento puro!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Escalada para o futuro

Por Sellma Luanny

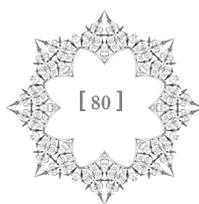
Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Este mundo, este planeta, este lugar, agora
e até que a humanidade porventura,
melhore, é o único meio, a única escada
para ao Universo exterior, ascender.

Se antes da mudança, esta escala de casa,
não se sustentar, para a humana matéria,
futuro não haverá... Transição assegurada,
a ascensão requer... o tempo, respeitar.

Questão de matemática... do "agora" até o "diante" ...
Anteveja a razão: ao somar, ao subtrair...
a diferença, se tira. E sabedoria... do "agora"
até o "diante"... Sem ela, só a matemática não resulta.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Pôr do Sol e o mar

Por Simone Pedrão

Simone Pedrão, 38 anos, domiciliada em Pedranópolis-SP. Formada em Serviço Social, servidora pública municipal.

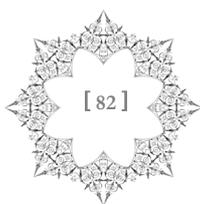
Apaixonada em poesia, música, bichos e natureza. Gosta da leveza das conversas interessantes e da diversidade de pensamentos.

Com boas e difíceis vivências e experiências, ainda prefere apostar no amor, na alegria da vida, na gentileza e na possibilidade de novos caminhos.

Escrever para ela, transcrever sentimentos.



Como que horário marcado, porém mais surpreendente que o esperado
O azul do céu se condensa num vermelho-dourado e transforma o entardecer no
Espetáculo esplêndido, belo e natural.
O mundo a volta silencia e mesmo as ondas que agitam, se tranquilizam ao rebentar e
Deslizar na areia, sob esse cenário.
Não se precisa, não se deseja nada além
Somente apreciar.
A imagem que ilustra, traz o mais profundo despertar
É leveza, é vida, é bem-estar.
Reflete na alma a exuberância da simplicidade e da sua imponência.
Na resenha de se ocultar, transcende um espectro singular, cada percepção é única e
cada dia um dia.
Como a sensação da brisa leve com o cheiro do mar.
Desnecessário entender ou explicar
Os pensamentos, sentimentos ou a calma.
A mente e o coração se conecta com a essência.
Como uma terapia que desperta e liberta o que há de melhor em cada um,
Sorte de quem se atenta,
De quem experimenta,
De quem se dispõe a vivenciar
Esse momento tão intenso,
Que aflora sentimentos e revigora a alma.
Um pôr do sol é capaz de avivar um dia cinzento,
De acalmar uma confusão de pensamentos ou
Simplesmente ser uma benção a se contemplar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Uma das maravilhas do mundo

Por Simone Pedrão

Simone Pedrão, 38 anos, domiciliada em Pedranópolis-SP. Formada em Serviço Social, servidora pública municipal.

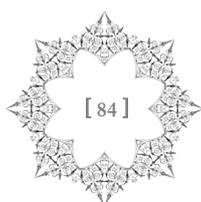
Apaixonada em poesia, música, bichos e natureza. Gosta da leveza das conversas interessantes e da diversidade de pensamentos.

Com boas e difíceis vivências e experiências, ainda prefere apostar no amor, na alegria da vida, na gentileza e na possibilidade de novos caminhos.

Escrever para ela, transcrever sentimentos.



As luzes se acendem na vasta avenida e indicam o fim de mais um dia,
No horizonte de cimento, como um plano de fundo
As cores do entardecer ainda se sobrepõe ao céu já semi-escuro.
Há possibilidade desse momento se passar despercebido.
Na pressa ou na monotonia da rotina, se esquece de levantar os olhos.
É lamentável...
Quando que por segundos se pode notar e se permitir sentir o intrínseco,
O íntimo, o vulnerável de si.
O sol agora, em tom vermelho, nítido em sua forma circular
Remete a tranquilidade e a leveza, traz o acalento e o descanso
Ratificando que para tudo há um findar.
Ao se diminuir cada vez mais, também denota a humildade e a certeza
De que cada qual compõe seu lugar.
Ao admirador, impossível não deslumbrar-se com tamanha beleza de um momento, que
Por sua dimensão de tonalidades, parece surreal,
E que retrata para cada um, uma imagem ou memória única, de introspectiva ou de
perspectivas.
A sensação da liberdade, ao silenciar a mente.
A sensação do milagre, ao não se saber explicar toda essa paisagem.
A sensação do encerrar: o tempo, o difícil ou ainda o que é bom.
O pôr do sol, mais que o marco de um final do dia
É lindo, é simples, e tem o poder.
Poder de renovar, de despertar, de amenizar, de compor um cenário que alegre.
O pôr do sol é maravilhoso, para quem conseguir o enxergar.
Deveria ser intitulado como uma das Maravilhas do Mundo
E seria a maior, considerando todas as suas possibilidades visuais.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: [CLIQUE AQUI](#)